

Propriedade da pesquisa em hanseníase no Brasil

O dilema em relação à pesquisa em hanseníase segundo o saudoso professor Mário Rubens Montenegro é que onde há a doença não há tecnologia e onde há tecnologia não há a doença. No entanto há interesse pela hanseníase em grandes centros científicos do exterior pois trata-se de uma doença muito peculiar, modelo para ampliação dos conhecimentos principalmente nas áreas de bacteriologia, imunologia, genética e biologia molecular. Assim as pesquisas em hanseníase trazem importantes contribuições não só para o entendimento da doença em si, como de outras doenças infecciosas e não infecciosas. A continuidade desta pesquisa é importante principalmente para os cientistas brasileiros, que tem acesso a material mais abundante, variado e obviamente melhor selecionado. Além disso pode ter melhor juízo crítico sobre os resultados obtidos, visto maior familiaridade com a história natural da doença.

A atual política de provimento de recursos para pesquisa no Brasil privilegia centros dotados de tecnologia mais avançada e cuja produção possa ser publicada em periódicos de impacto na Europa e EUA. Isto é muito bom para os centros de pesquisa e seus pesquisadores, mas seria o melhor para o controle da endemia hanseníase? Avaliando a produção científica em hanseníase nos últimos 30 anos, principalmente após a eclosão dos novos conhecimentos e tecnologias em imunologia, genética e biologia molecular, vemos que, com algumas exceções, os resultados pouco interferiram neste controle. Os conhecimentos desenvolvidos pelos hansenólogos da era pré-sulfônica continuam a ser a base do diagnóstico, a terapêutica mais eficiente reúne medicamentos introduzidos entre as décadas de 40 a 70 do século passado, e os procedimentos mais atuais em prevenção e correção de incapacidades foram desenvolvidos na mesma época, principalmente por clínicos e cirurgiões.

Os políticos usariam a palavra "preocupante" para a situação da endemia hanseníase no país, nós diríamos que é dramática. Há um contraste entre dados oficiais de prevalência e incidência com o que se constata pela experiência pessoal dos hansenólogos. Trabalhando em várias regiões do país. A multiplicação de casos novos, mostra que em plena vigência da multidrogaterapia, há multibacilares transmitindo a infecção. Por outro lado os números não

revelam que os maiores danos neurológicos resultam das reações que se desenvolvem durante e após o tratamento. Assim, a cada momento, brasileiros se tornam incapacitados por uma doença curável e evitável por instrumentos já conhecidos.

Diante deste cenário temos de aperfeiçoar os mecanismos de combate à doença. Necessita-se: conhecer melhor a epidemiologia, principalmente as variações regionais de apresentação da endemia; reformular a estrutura e ações da rede SUS para diagnóstico, tratamento, controle de comunicantes, busca ativa, prevenção e tratamento das incapacidades; reforçar a ação educativa sobre a doença junto a toda população; estimular a pesquisa sobre novos medicamentos, resistência medicamentosa e ações para atingir metas mais ambiciosas como provas serológicas diagnósticas e vacina eficaz.

As metas são ambiciosas e os recursos escassos. Talvez, o caminho para enfrentar as limitações seja a racionalização no emprego dos recursos existentes para pesquisa, investimentos em projetos multi-institucionais que aproveitem todas as potencialidades humanas e materiais dos centros de referência, incluindo também as universidades e centros de pesquisas do exterior interessados. Esta pesquisa dirigida seria uma opção do momento, mas não exclui a continuidade da pesquisa básica, cujos resultados permitirão avançar muito no conhecimento e resolução da doença.

Raul Negrão Fleury